

Mudanças estruturais da Educação e seus reflexos na Democracia

Cristiano Bonneau

Professor do Departamento de Ciências Sociais/CCAIE,
coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia/CCHLA
e diretor de Comunicação da ADUFPB.

A educação é o processo de construção de visões de mundo a partir de um modelo. Na medida em que há, no Brasil, uma marcha em curso que se arvora em restringir a educação e a formação dos sujeitos — não apenas no tocante ao acesso, mas também em consequência da transformação e redução da cultura à monetização e à categoria de prestação de serviços —, podemos perceber que essa é uma pedagogia que coloca em pleno risco os próprios valores democráticos. As conquistas e concessões dos distintos direitos, nos últimos tempos (o voto universal, a ampliação das compreensões fronteiriças étnicas, de gênero e de crenças, a disponibilidade da informação), não foram alavancadas — nem se sustentam — sem uma mudança severa de mentalidade, um movimento profundo de alteração cultural e histórica. No entanto, com a constante redução do nosso *modus vivendi*, circunscrito ao consumo e à lógica do lucro, há também uma decisiva reconfiguração do binômio fato-valor.

Eis que se surge a questão fundamental: são conciliáveis as noções de mais valia e lucro com a defesa, manutenção e aperfeiçoamento da democracia e seu legado? Não é possível continuar a pensar em democracia sem que haja uma preparação para avançarmos nesse terreno. As ideias de alteridade, equidade, igualdade, cooperação, empatia, participação, respeito mútuo e liberdade não são naturais. Mesmo se fossem, necessitariam ser despertadas, incentivadas e cimentadas de forma a refletir, nas interrelações so-

ciais, os valores por elas engendrados. Na medida em que as instâncias de formação humana — a família, a escola, a igreja, o partido, o sindicato, a universidade etc. — negligenciam esses valores considerados básicos, o resultado é a formação de um tipo determinado de ator político, deliberadamente descompromissado com os seus e com o mundo. Os constantes ataques à educação, seja pela retirada exponencial de seus recursos financeiros e humanos, seja pela escolha de bandeiras ideológicas de cunho fascista, que elegem inimigos a todo momento para esconder o seu *modus operandi* de segregação e de exclusão, são formas graves de redução da práxis democrática possível de ser construída no interior das nossas instituições formativas. Por isso, restringir a educação, o seu acesso e as suas possibilidades, banir do seu ideário as ciências humanas e as artes e desqualificar o caráter de interesse público de saberes que se constituem como patrimônio da humanidade tornam-se a forma mais eficaz e contundente de estabelecer prejuízos, causar danos — que podem ser irreversíveis à democracia e à sustentação dos seus valores.

Se a democracia, pelo seu caráter universal de acesso e participação, representou, em algum momento, maiores ganhos financeiros e materiais para o sistema econômico vigente, o avanço de uma consciência democrática, que torna o sujeito mais atento a seus compromissos com a humanidade, permite indagar se esses valores agora não representam um risco efetivo para que esse modelo de sociedade capitalista ascenda em seu ímpeto de lucratividade. São questões que temos a obrigação de enfrentar e que representam, ao mesmo tempo, uma luta ampla pelas liberdades democráticas e pela garantia de que a diversidade humana possa continuar existindo.

